

e Esquizofrenia. Lisboa: Assírio e Alvim, 2009.

DELEUZE, G. & GUATTARI, *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1 – 2. São Paulo: Editora 34, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, 1989.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1986.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOPES, Antonia Osima. *Relação de interdependência entre ensino e aprendizagem*. In VEIGA, Ilma P. Alencastro (org.) *Didática: o Ensino e suas relações*. Campinas, SP, Papirus, 1996, 105-114.

PIMENTA, Selma Garrido. *Estágio: Diferentes Concepções*. São Paulo: Cortez, 2005.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. *A Formação do Professor de História e o Cotidiano da Sala de Aula*. In: BITENCOURT, Circe (Org.). *O Saber histórico na Sala de Aula*. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

## UMA EXPERIÊNCIA, UMA PESQUISA: ANÁLISE NA E.E.E.P DE SENADOR POMPEU/CE

*Lucas Pereira de Oliveira*

*Maria Elcelane de Oliveira Linhares*

Graduandos do VIII Semestre em História da FECLESC/UECE.

### Considerações Iniciais

Por entre os laços que constituem a teoria e a prática iniciamos nosso artigo com a análise de como é possível compreender o estágio como campo de conhecimento histórico e atividade de pesquisa. Descrevendo o cenário onde debruçamo-nos, tal como suas principais características e a rede na qual se insere não esquecendo de intercalar sobre os personagens que integram este espaço. Debateremos assim com Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima em *Estágio e Docência*, que o Estágio é acima de tudo um campo de conhecimento. “[...] Campo de conhecimento que se produz na interação entre cursos de formação e o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas de pesquisa”.<sup>1</sup>

Analisamos assim a experiência de Estágio na Escola de Educação Profissional de Senador Pompeu, como um espaço a ser explorado, onde a docência e a pesquisa misturam-se a nossa posição de historiadores deixando de

<sup>1</sup> PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2008. Pág. 29.

lado os abismos que ainda permeiam o ENSINAR e o PESQUISAR. Ousamos vivenciar teorias e problematizar nossas próprias vivências em sala de aula.

Tendo aberto espaço a contextualizações, a pesquisa traça inicialmente os aspectos principais da Escola como sendo um campo constituído de saber/poder, que traz suas características próprias na sociedade capitalista. Nessa perspectiva trata-se de uma Instituição criada para a “arbitrariedade”<sup>2</sup> que envolve antes de tudo uma cultura dominante geral que remete a revisão de valores e padrões escolares.

Compreende-se ainda que a análise da cultura escolar seja um estudo importante para que compreendamos o ser humano no tempo e no espaço dentro de seu quadro de normas, condutas e transmissão de conhecimento, comunicando com Dominique Julia que,

*A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos<sup>3</sup>.*

Dessa forma propomos ainda a sala de aula como laboratório vivo da história, na percepção dos estudantes como sujeitos históricos ativos que constroem e significam os espaços em que atuam.

<sup>2</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>3</sup> Cf. JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como objeto histórico**. In.: Revista brasileira de História da Educação. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.

## **Escola de Educação Profissional de Senador Pompeu: Campo de saber/ Campo de Poder**

Sem delongas tomemos por conhecer o cenário onde se desenrola as tramas da docência/pesquisa. A Escola de Educação Profissional de Senador Pompeu, cidade localizada a 273 km de Fortaleza. Senador Pompeu tem em sua composição demográfica de 26.269 habitantes<sup>4</sup>. Assim como em muitas cidades do Ceará a sua trajetória está intensamente ligada à religião católica e as políticas assistencialistas. Economicamente, na maioria dos casos, a renda da população está relacionada ao funcionalismo público, sendo que as opções de emprego restringem-se aos pequenos comércios, a Fábrica de calçados gaúcha, e principalmente, a atuação em cargos da Prefeitura Municipal. Ressalta-se que a informalidade e a agricultura de subsistência também são intensas da vida da população tanto urbana quanto rural. É esse o palco onde o Governo Estadual vai inserir um dos feitos mais marcantes de sua administração: a criação de escolas profissionais e onde, sobretudo, os filhos de agricultores, funcionários públicos, empregados da Fábrica, informais vão depositar os sonhos de um emprego.

A Escola de Educação Profissional de Senador Pompeu é então, parte da rede de escolas técnicas do Ceará. É um dos modelos implantados pelo governo Estadual em várias escolas de ensino médio. São exemplos de algumas cidades: Acopiara, Canindé, Crato, Fortaleza, Iguatu,

<sup>4</sup> Fontes: IBGE. Anuário do Ceará 2010/2011 — Jornal O Povo.

Quixadá, Russas, Senador Pompeu, entre outras. Entre os cursos oferecidos estão: comércio, enfermagem, finanças, segurança no trabalho, meio ambiente, informática, edificações, turismo, etc. Essa proposta da administração de Cid Ferreira Gomes segue o seguinte lema: “Abrir as portas da Educação é dar a milhares de jovens a oportunidade de estudar e aprender uma profissão”.

É importante salientar que este modelo educacional evidencia a dominação e a reprodução das relações sociais, não somente no que diz respeito às relações de trabalho e de classe, mas como também representações simbólicas em que doutrina-se e normatiza-se o cidadão (o aluno) sem que ele perceba que um poder organizado age sobre ele. Como esclarece Bordieu:

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força.

Em nosso contexto, a rede estadual de Escolas Profissionais, por meio de suas estratégias estruturantes atua com o interesse de controle social e formação para o mercado de trabalho. Entendamos melhor sua estrutura.

A Instituição trabalhada está situada em um bairro de classe média, acolhendo um total de 342 alunos com histórias de vidas distintas, regularmente matriculados em cursos como Enfermagem, Informática e Comércio, sendo

estes estudantes tanto da referida cidade, como de cidades vizinhas, tais como, Milhã, Solonópole e Irapuan Pinheiro. O quadro de docentes se constituem de 48 professores, tanto da grade curricular normal, como de formadores técnicos. Os funcionários que auxiliam ao funcionamento da Instituição perfazem um número de 42 pessoas. É importante esclarecer que na maioria das vezes o quadro de funcionários é formado por uma ligação de apadrinhamento, por parte do Governo. Percebemos assim que para o êxito das estratégias governamentais é necessário pessoas de confiança dentro da máquina político/pedagógica que move a Instituição.



Entrada Principal da EEP. Senador Pompeu e Espaço interno da E.EP. Senador Pompeu.  
Acervo dos Autores

Esta entrada principal é o espaço onde durante as segundas-feiras a comunidade escolar se reúne para cantar o Hino Nacional e contemplar o hasteamento da bandeira do país, do Estado e do Município. Na eventualidade rezam-se as orações principais da Igreja Católica. É importante destacar que esta cerimônia é rigorosamente cumprida, remetendo a retaliações se não respeitada por qualquer membro

da Escola. Observa-se que ainda há a solidificação de uma cultura cívica e baseada nos preceitos religiosos, herdeiros da construção de uma identidade nacional no contexto da formação da República.

Adentrando-se um pouco mais, chegamos ao corredor principal, com entrada para a secretaria, a diretoria e sala dos professores. Na primeira dependência há uma imagem destacada de Maria, presença forte na religiosidade popular senadorenses. Dentro da sala da diretora e da coordenadora pedagógica o quadro do governador estampa a parede, como uma forma de respeito à autoridade maior.

Com suas 09 turmas a escola dispõe de 14 salas de aula, sala para diretora administrativa, para a diretora pedagógica, secretaria, sala de professores, todas estas climatizadas. Possui ainda 02 (duas) salas de computadores a disposição dos estudantes, sala de vídeo, com equipamentos tais como, data show, aparelhagens de som. Nas paredes é posta pela administração da escola mensagens de auto-estima e de incentivo a formação profissional, como uma forma de estar sempre confirmando na mente dos alunos a importância de sua presença. Ainda em sua estrutura uma quadra de esportes coberta, 05 banheiros masculinos e 05 femininos, espaço arborizado, um bebedouro, uma cantina, e o salão principal, onde se realizam as refeições, estudos extra-sala, e culminâncias temáticas: feira da informática, dia da saúde da enfermagem, feira cultural, eventos artísticos e comemorativos.



Fotos do salão principal da E.E.P de Senador Pompeu/CE, onde ocorre a maior parte de suas

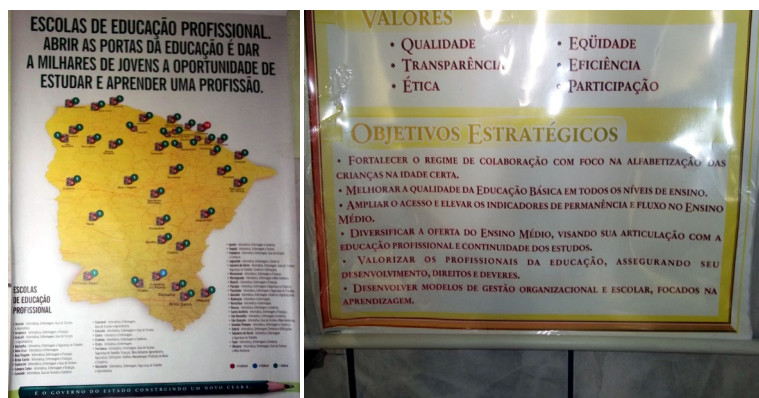
Nos momentos de lanche e estudo extraclasse, os alunos preenchem assim esse espaço e a coordenadora pedagógica mostra-se presente e atenta a todas as práticas dos educandos. A vigilância entra em cena, aliás, ela vai estar em todos os pequenos detalhes: na arquitetura, na organização dos materiais, na formação dos professores, na vestimenta dos alunos, entre outros.

Compreendendo a vigilância e o controle estabelecidos na Escola Profissional de Senador Pompeu, nos foi possibilitado observar a arquitetura da referida Instituição onde a maioria das salas estão claramente ao alcance da visão do núcleo gestor. Além disso, nos momentos de intervalo os alunos permanecem obrigatoriamente nas dependências da escola.

O funcionamento se dá em período integral, das 07h: 00min às 17h: 30min, de segunda-feira à sexta-feira. Nesse espaço de tempo intercalam-se atividades dentro e fora de sala. O período de descanso se dá apenas nos horários das refeições. Todo o tempo previsto no planejamento da



Instituição é ocupado sendo ou com formação específica de cada curso técnico, ou com as aulas dos conteúdos programáticos nos currículos de cada série: História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Português, Inglês, Matemática, Física, Química, Biologia e Educação Física. Além disso, alguns alunos participam de grupos psicossociais e de capacitação para líderes de turmas, bem como da formação de grêmio estudantil, nesse sentido o poder da instituição precisa ser, nos momentos de conveniência, ser flexível para que esteja consolidado em seus interesses.



Banner principal ao lado da diretoria, no qual elenca as cidades que fazem parte da rede estadual de escolas profissionais. Acervo pessoal dos autores.

Ao analisar as políticas pedagógicas da Escola percebemos que ela se adéqua ao padrão exigido em todas as Instituições Profissionalizantes do Estado. No intuito de uma análise mais aprofundada sobre a Escola de Educação Profissional de Senador Pompeu procuramos através da Administração, o Projeto Político Pedagógico, norteador

das ações tomadas, no entanto, no relato da Diretora geral, a escola não dispõe deste, sendo apenas nos fornecido o banner dos pensamentos estratégicos de toda a rede de educação profissional, mais um exemplo da padronização exercida pelo poder Estadual.

Descrevamos aqui, as premissas que constituem o universo de propostas dotadas por essas escolas:

Missão:	Visão:
Garantir Educação básica com equidade e foco no sucesso do aluno.	Ser uma organização eficaz, com um ambiente de trabalho acolhedor e propício ao desenvolvimento de pessoas, a melhoria dos resultados de aprendizagem em todos os níveis de ensino e a efetiva articulação do ensino médio à educação profissional.
Valores:	Objetivos Estratégicos:
1. Qualidade	1. Fortalecer o regime de colaboração com foco na alfabetização das crianças na idade certa.
2. Transparência	2. Melhorar a qualidade da Educação Básica em todos os níveis de ensino.
3. Ética	3. Ampliar o acesso e elevar os indicadores de permanência e fluxo no Ensino Médio.
4. Equidade	4. Diversificar a oferta do Ensino Médio, visando sua articulação com a Educação Profissional e continuidade dos estudos.
5. Eficiência	5. Valorizar os profissionais da educação, assegurando seu desenvolvimento, direitos e deveres.
6. Participação	6. Desenvolver modelos de gestão organizacional e escolar, focados na aprendizagem.

É nesse quadro estratégico que o poder sobre os indivíduos está sutilmente embutido. Com o slogan *educar para o sucesso*, pensa-se em uma educação como veículo de estabilidade social, de maneira que alunos e famílias de-

positam a esperança de um emprego digno como premissa básica. Por outro lado o Estado constrói esse sistema como uma forma de garantir o sucesso das produções, como divisão de classes, assegurando também que os jovens não sejam uma ameaça a esse poder.

É interessante trazer à discussão a forma como Foucault analisa a eficácia desse micro poder. Ele explica que nas sociedades capitalistas há uma gestão da vida dos indivíduos e das populações, para a qual produz uma série de estratégias, técnicas e saberes específicos consistindo na produção de indivíduos e populações politicamente dóceis, economicamente úteis, saudáveis e normais, através de uma série de mecanismos como os da disciplina e da normalização<sup>5</sup>.

Não nos cabe aqui questionar até que ponto as pretensões do governo em relação à formação profissionalizante são positivas ou negativas, afinal trazer esses juízos de valores poderia por em questão as perspectivas de futuro da maioria dos jovens brasileiros e de suas famílias em ter seu merecido lugar no mercado de trabalho. Nem tampouco poderíamos colocar injustamente a Educação Técnica em banco de réus, pois ela tem sua razão de ser, já que apesar de ser educado para o trabalho o aluno dispõe de total liberdade para pensar em uma possível formação superior. Portanto é importante refletirmos que as estratégias que permeiam a Instituição escolar são partes de re-

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

lações de forças. Por isso onde há estratégias, a também resistências, manobras, táticas.

Nos é cabível, entretanto, perceber a Escola como um ambiente rico em sociabilidades, relações e conflitos presentes na forma como significam no tempo e no espaço as vidas que ali se encontram e desencontram, já que é nesse cenário onde passam a maior parte de seu dia.

*O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem não tem nada a ver com ele. Afinal minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere.*<sup>6</sup>

Como historiadores estão também inseridos nessa sociedade e agem sobre ela, nos é possibilitado compreender que as conquistas educacionais não estão em revoluções bruscas, mas que simples atos podem repercutir e promover inúmeras transformações na realidade educacional brasileira. Pois educar não é apenas formar alunos com habilidades técnicas e/ou para compreensão de fatos, mas torná-lo apto para gerenciar e compreender suas próprias vidas e ações.

### Explorando a Cultura Escolar em Sala de Aula

Inicialmente escolhendo como campo de nossas experiências de docência a turma de 3º ano A (Informática),

<sup>6</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Pág. 54.

por ser essa uma fase de decisões e anseios futuros, procuramos junto a professora de História verificar a disponibilidade desta turma para a realização das regências, disponibilidade esta que nos foi permitida pelo corpo responsável: professora e direção. Diante disso projetamos as aulas de acordo com os conteúdos do livro, seguindo a proposta do planejamento e do currículo. Após a primeira observação fomos informados juntamente com a professora, através da coordenadora pedagógica, que não mais seria possível trabalharmos o conteúdo previsto, em virtude da dedicação exclusiva ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Essa reviravolta nos levou a optar então pela turma do 2º ano C (Enfermagem), um dia antes da 1ª regência. Com flexibilidade e respeito ao ritmo da escola nos adaptamos e reelaboramos todos os planos inerentes a regência. Porém, não será discorrido aqui sobre como desenrolamos nossa experiência de estágio, mas o que podemos observar sobre a cultura escolar que permeia a vivência dos alunos. Sobre esta cultura,

Podemos dizer que existem inúmeras características que aproximam os comportamentos das escolas, bem como as investigações sobre ela, e há uma infinidade de outras que os/as diferenciam. No entanto, parece não haver inconvenientes em considerar a escola como uma instituição com cultura própria. Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema

educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo).<sup>7</sup>

Apesar de seguir uma padronização e de passar por toda uma estrutura de normas e condutas era inviável pensar que os sujeitos que compõem o cenário escolar não tenham sua forma própria de agir e de preencher os espaços da Instituição. Durante a experiência do estágio nos foi proposto perceber, por exemplo, que a ânsia pela entrada no mercado de trabalho não tiram dos alunos a sua capacidade pensar de forma crítica a sociedade que os rodeia. Nas regências, e com os questionamentos feitos em sala de aula observou-se a capacidade da turma em formular idéias autênticas.

Além disso, percebemos que embora a administração da escola limite os alunos a não usufruírem dos momentos de intervalo nos espaços externos à Instituição, estes por sua vez (re) criam as regras, criando diversões próprias. Assim como os alunos, o quadro de professores, apesar de estarem sob a coordenação direta da direção, durante as aulas tem também suas formas próprias de agirem e driblarem o poder. Um exemplo claro disso é a forma como organizamos nossas aulas monobrando-se em muitos momentos da interferência da vigilância gestora, no que diz respeito à promoção de uma visão crítica relacionada ao Governo e ao mercado de trabalho.

<sup>7</sup> Cf. SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. Educ. rev. no.28 Curitiba July/Dec. 2006

Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural [...] se trata de distinguir as operações quase microbianas que ploriferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os ‘detalhes’ do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladorados grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes de ‘vigilância’.<sup>8</sup>

Todas as maneiras de fazer e constituir o cotidiano escolar refletem assim não somente as relações de força da malha social, mas a própria necessidade humana de formular saberes, garantir o poder de sua atuação, experimentar, e criar. As formas como emaranham todas essas artes vão estar de acordo com a sua identidade e a sua representação.

### Reflexões Finais

Assim sendo são nos rastros quase apagados da Escola de Educação Profissional de Senador Pompeu que observamos a necessidade humana de descobrir-se naquilo que chamamos de capitalismo. Este último não sendo encarado em nossa análise como o “bode expiatório” de to-

<sup>8</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópoles: Editora Vozes, 1998, pág. 41



Fotografias tiradas durante a última regência. Acervo dos autores.

dos os problemas que permeiam a nossa sociedade, assim como qualquer outro sistema invisivelmente estabelecido não tira desses sujeitos a liberdade de pensar, de inquietar-se e deixar marcas.

Em linhas gerais é possível afirmar que a história necessita de problemas, necessita reconhecer os espaços peculiares, palcos da arte de fazer humana. Acredita-se que a escola seja um desses espaços.

A escola não é somente um lugar de transmissão de conhecimento, mas é ao mesmo tempo e talvez principalmente um lugar de inclusão de comportamentos e de hábitos.<sup>9</sup>

Pressupõe-se que modestamente, esta pesquisa assumiu a função de pesquisar e, todavia, experimentar a pesquisa. Uns chamariam de um simples estágio, outras chamariam de pesquisa antropológica, outros de sociológica, mas a isso chamamos história, história vivida, história dos

<sup>9</sup> JULIA, Dominique apud CÁSSIA, Tavares. Cultura Escolar: Quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. Educ. rev. no.28 Curitiba July/Dec. 2006. p.206.



problemas, história dos espaços, história dos micro-poderes e das micro-potências, enfim, história do homem por inteiro.

### Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópoles: Editora Vozes, 1998.

BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 27ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

JULIA, Dominique. *A Cultura Escolar como objeto histórico*. In.: Revista brasileira de História da Educação. São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. *Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa*. Educ. rev. no.28 Curitiba July/Dec. 2006

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2008.

### O MODELO ESCOLAR DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS EM ASSÚ/RN (1927)

*Silvia Helena de Sá Leitão Morais Freire — UERN*  
silviahpedagogia@gmail.com

*Maria Antonia Teixeira da Costa-UERN*  
prof.maria.antonio@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

Atualmente as discussões e estudos sobre instituições escolares, sobretudo a partir dos anos de 1990 vêm ressoando tema bastante significativo, no âmbito da história, sociologia, filosofia da educação, perspectivando compreender o cotidiano escolar e as relações que ela estabeleceu com a sociedade que a produziu.

Por muito tempo as pesquisas sobre instituições escolares ficaram subsumida a modestos trabalhos que traziam alguns apontamentos sobre esses espaços e em sua maioria o tema acabava passando despercebido pelas pesquisas acadêmicas. Nos últimos anos as instituições escolares começaram a despertar o interesse de diversos pesquisadores, em geral aqueles do campo da história e da história da educação em particular (SANTOS; JACOMELI, 2006).

De fato, os estudos sobre a História das Instituições Escolares, tem ocupado cada vez mais espaço no cenário da pesquisa histórico-educacional, envolvendo pesquisadores de todo o país. No Brasil, ainda assim com certas dificulda-